



CAPÍTULO UM

O PIOR ANIVERSÁRIO

Não era a primeira vez que irrompia uma discussão à mesa do café da manhã na rua dos Alfeneiros número 4. O Sr. Válter Dursley fora acordado nas primeiras horas da manhã por um pio alto que vinha do quarto do seu sobrinho Harry.

– É a terceira vez esta semana! – berrou ele à mesa. – Se você não consegue controlar essa coruja, teremos que mandá-la embora!

Harry tentou explicar, mais uma vez.

– Ela está *chateada*. Está acostumada a voar ao ar livre. Se eu ao menos pudesse soltá-la à noite...

– Eu tenho cara de idiota? – rosnou tio Válter, um pedaço de ovo pendurado na bi-

godeira. – Eu sei o que vai acontecer se você soltar essa coruja.

Ele trocou olhares assustados com sua mulher, Petúnia.

Harry tentou argumentar, mas suas palavras foram abafadas por um alto e prolongado arrote dado pelo filho de Dursley, Duda.

– Quero mais bacon.

– Tem mais na frigideira, fofinho – disse tia Petúnia, voltando os olhos úmidos para o filho maciço. – Precisamos alimentá-lo bem enquanto temos oportunidade... Não gosto do jeito daquela comida da escola...

– Bobagem, Petúnia, nunca *passei* fome quando estive em Smeltings – disse tio

Válter animado. – Duda come bastante, não come, filho?

Duda, que era tão gordo que a bunda sobrava para os lados da cadeira da cozinha, sorriu e virou-se para Harry.

– Passe a frigideira.

– Você esqueceu a palavra mágica – disse Harry irritado.

O efeito desta simples frase no resto da família foi inacreditável. Duda ofegou e caiu da cadeira com um baque que sacudiu a cozinha inteira; a Sra. Dursley soltou um gritinho e levou as mãos à boca; o Sr. Dursley levantou-se com um salto, as veias latejando nas têmporas.

– Eu quis dizer “por favor”! – explicou Harry depressa. – Não quis dizer...

– QUE FOI QUE JÁ LHE DISSE – trovejou o tio, borrifando saliva pela mesa – COM RELAÇÃO A DIZER ESSA PALAVRA COM “M” NA NOSSA CASA?

– Mas eu...

– COMO SE ATREVE A AMEAÇAR DUDA! – berrou tio Válter, dando um soco na mesa.

– Eu só...

– EU O AVISEI! NÃO VOU TOLERAR A MENÇÃO DA SUA ANORMALIDADE DEBAIXO DO MEU TETO!

Harry olhava do rosto purpúreo do tio para o rosto pálido da tia, que tentava pôr Duda de pé.

– Está bem – disse Harry –, *está bem...*

O tio Válter se sentou, respirando como um rinoceronte sem fôlego e observando Harry com atenção pelos cantos dos olhinhos penetrantes.

Desde que Harry voltara para passar as férias de verão em casa, tio Válter o tratava como uma bomba que fosse explodir a qualquer momento, porque Harry Potter *não era* um menino normal.

Aliás ele era tão anormal quanto era possível ser.

Harry Potter era um bruxo – um bruxo que acabara de terminar o primeiro ano na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. E se os Dursley se sentiam infelizes de tê-lo ali nas férias, isso não era nada comparado ao que Harry sentia.



O PIOR ANIVERSÁRIO

Sentia tanta falta de Hogwarts que era como se tivesse uma dor de barriga permanente. Sentia falta do castelo, com seus fantasmas e suas passagens secretas, das aulas (exceto talvez a de Snape, o professor de Poções), do correio trazido pelas corujas, dos banquetes no Salão Principal, de dormir em uma cama de baldaquino no dormitório da torre, das visitas ao guarda-caça, Hagrid, em sua cabana na orla da Floresta Proibida nos terrenos da escola, e, principalmente, do quadribol, o esporte mais popular no mundo dos bruxos (seis postes altos para delimitar o gol, quatro bolas voadoras e catorze jogadores montados em vassouras).

Todos os livros de feitiços, a varinha, as vestes, o caldeirão e a vassoura Nimbus 2000, último tipo, pertencentes a Harry tinham sido trancados no armário debaixo da escada pelo tio Válter no instante em que o sobrinho pisara em casa. Que importava aos Dursley se Harry perdesse o lugar no time de quadribol da Casa porque não pra-

ticara o verão inteiro? O que significava para os Dursley que Harry voltasse para a escola sem os deveres de casa feitos? Os Dursley eram o que os bruxos chamavam de trouxas (sem um pingão de sangue mágico nas veias) e na opinião deles ter um bruxo na família era uma questão da mais profunda vergonha. Tio Válter havia até passado o cadeado na gaiola da coruja de Harry, Edwiges, para impedi-la de levar mensagens para alguém no mundo dos bruxos.

Harry não se parecia nada com o resto da família. Tio Válter era corpulento e sem pescoço, com uma enorme bigodeira preta; a tia Petúnia tinha uma cara de cavalo e era ossuda; Duda

era louro, rosado e lembrava um porquinho. Já o Harry era pequeno e magricela, com olhos verde-vivos e cabelos muito pretos que estavam sempre despenteados. Usava óculos redondos e, na testa, tinha uma cicatriz fina em forma de raio.

Era esta cicatriz que tornava Harry tão diferente, mesmo para um bruxo. A cicatriz



era o único vestígio do seu passado muito misterioso, da razão por que fora deixado no batente dos Dursley, onze anos antes.

Com a idade de um ano, Harry por alguma razão sobrevivera aos feitiços do maior bruxo das trevas de todos os tempos, Lorde Voldemort, cujo nome a maioria dos bruxos e bruxas ainda tinha medo de pronunciar. Os pais de Harry morreram ao serem atacados por Voldemort, mas o garoto escapara com a cicatriz em forma de raio e por alguma razão – ninguém entendia muito bem – os poderes de Voldemort tinham sido destruídos na hora em que não conseguira matá-lo.

Assim, Harry fora criado pela irmã e o cunhado de sua falecida mãe. Passara dez anos com os Dursley, sem nunca compreender por que fazia coisas estranhas acontecerem o tempo todo sem querer, acreditando na história dos Dursley de que sua cicatriz resultara do acidente de automóvel que matara seus pais.

Então, há exatamente um ano, Hogwarts escrevera a Harry, e a história toda fora revelada. O garoto ocupara sua vaga na escola de bruxaria, onde ele e sua cicatriz eram famosos... mas agora o ano letivo terminara, e ele voltara à casa dos Dursley para passar o verão, voltara a ser tratado como um cachorro que andara se esfregando em alguma coisa fedorenta.

Os Dursley nem sequer se lembraram que hoje, por acaso, era o décimo segundo aniversário de Harry. Naturalmente ele não alimentava grandes esperanças; seus paren-

tes jamais tinham lhe dado um presente de verdade, muito menos um bolo – mas esquecê-lo completamente...

Naquele momento, o tio Válter pigarreou cheio de pose e disse:

– Hoje, como todos sabemos, é um dia muito importante.

Harry ergueu os olhos, mal se atrevendo a acreditar.

– Hoje talvez venha a ser o dia em que vou fechar o maior negócio de minha carreira.

Harry tornou a se concentrar em sua torrada. *Naturalmente*, pensou com amargura, *tio Válter estava falando daquele jantar idiota*. Não falava de outra coisa havia duas semanas. Um construtor rico e sua mulher vinham jantar e tio Válter tinha esperanças de receber um grande pedido (a companhia de tio Válter fabricava brocas).

– Acho que devemos repassar o programa mais uma vez – disse ele. – Precisamos todos estar em posição às oito horas. Petúnia, você vai estar...?

– Na sala de visitas – disse tia Petúnia sem pestanejar – esperando para dar as boas-vindas como manda a etiqueta.

– Ótimo, ótimo. E o Duda?

– Vou esperar para abrir a porta. – Duda deu um sorriso desagradável e hipócrita.

“Posso guardar os seus casacos, Sr. e Sra. Mason?”

– Eles vão *adorá-lo!* – exclamou tia Petúnia arrebatada.

– Excelente, Duda – disse tio Válter. Em seguida dirigiu-se zangado a Harry. – E *você?*

O PIOR ANIVERSÁRIO

– Vou ficar no meu quarto, sem fazer barulho, fingindo que não estou em casa – disse Harry monotonamente.

– Exatamente – disse tio Válter, sarcástico. – Eu levo o casal para a sala de visitas, apresento você, Petúnia, e sirvo os drinques. Às oito e quinze...

– Eu anuncio o jantar – disse tia Petúnia.

– E Duda, você vai dizer...

– Posso acompanhá-la à sala de jantar, Sra. Mason? – disse Duda oferecendo o braço gordo a uma mulher invisível.

– Meu perfeito cavalheirinho! – fungou tia Petúnia.

– E *você?* – perguntou tio Válter malevolmente a Harry.

– Vou ficar no meu quarto, sem fazer barulho, fingindo que não estou em casa – respondeu Harry sem emoção.

– Precisamente. Agora vamos procurar fazer uns elogios realmente bons ao jantar. Petúnia, alguma sugestão?

– Válter me contou que o senhor é um *excelente* jogador de golfe, Sr. Mason... Onde foi que a senhora comprou o seu vestido, me conte, por favor, Sra. Mason...

– Perfeito... Duda?

– Que tal... Tivemos que fazer uma redação na escola sobre o nosso herói, Sr. Mason, e *eu* escrevi sobre o *senhor*.

Essa foi demais tanto para Petúnia quanto para Harry. Tia Petúnia debulhou-se em lágrimas e abraçou o filho, e Harry mergulhou embaixo da mesa para que não o vissem rindo.

– E você, seu moleque?

Harry fez força para manter a cara séria enquanto se endireitava.

– Vou ficar no meu quarto, sem fazer barulho, fingindo que não estou em casa.

– E pode ter certeza que vai – disse tio Válter com vigor. – Os Mason não sabem que você existe e vão continuar sem saber. Quando terminar o jantar, você leva a Sra. Mason de volta à sala de visitas para o cafezinho, Petúnia, e eu vou puxar o assunto das brocas. Com alguma sorte, o contrato vai estar assinado e selado antes do noticiário das dez. Amanhã a esta hora vamos estar procurando uma casa de férias em Majorca para comprar.

Harry não conseguiu se animar muito com a ideia. Não achava que os Dursley fossem gostar mais dele em Majorca do que gostavam na rua dos Alfeneiros.

– Tudo certo, estou indo à cidade apanhar os smokings para mim e Duda. E *você* – rosou ele para Harry –, trate de ficar fora do caminho de sua tia enquanto ela está limpando a casa.

Harry saiu pela porta dos fundos. Fazia um dia claro e ensolarado. Ele atravessou o jardim, se largou em cima de um banco e cantou baixinho:

– Parabéns para mim... parabéns para mim...

Nada de cartões, nada de presentes e ia passar a noite fingindo que não existia. Ele contemplou, infeliz, a sebe do jardim. Nunca se sentira tão solitário. Mais do que qualquer

outra coisa em Hogwarts, mais até que do jogo de quadribol, Harry sentia falta dos seus melhores amigos, Rony Weasley e Hermione Granger. Mas parecia que os amigos não estavam sentindo falta dele. Nenhum dos dois lhe escrevera o verão inteiro, embora Rony tivesse dito que o convidaria para passar uns dias em sua casa.

Inúmeras vezes, Harry estivera a ponto de usar a magia para destrancar a gaiola de Edwige e mandá-la a Rony e Mione com uma carta, mas não valia o risco. Bruxos menores de idade não podiam usar a magia fora da escola. Harry não contara isso aos Dursley; sabia que era apenas o terror que sentiam de que ele os transformasse em besouros bosteiros que os impedira de trancá-lo no armário embaixo da escada com a varinha e a vassoura. Mas, nas primeiras semanas de sua volta, Harry se divertira em murmurar palavras sem sentido, baixinho, e em observar Duda sair correndo da sala o mais depressa que suas pernas gordas podiam aguentá-lo. Mas o longo silêncio de Rony e Mione fizera com que Harry se sentisse tão desligado do mundo da magia que até atormentar Duda tinha perdido a graça — e agora

os dois amigos tinham se esquecido do seu aniversário.

O que ele não daria agora para receber uma mensagem de Hogwarts? De algum bruxo ou bruxa? Conseguiria até se alegrar com a visão do seu arqui-inimigo, Draco Malfoy, só para ter certeza de que tudo não passara de um sonho...

Não que o ano todo em Hogwarts tivesse sido uma brincadeira. No finzinho do último trimestre, Harry se vira frente a frente com Lorde Voldemort em pessoa. O bruxo poderia ser um destróço do que fora, mas ainda inspirava terror, ainda era astuto, ainda estava decidido a retomar o poder. Harry escorregara por entre as garras de Voldemort

uma segunda vez, mas fora por um triz, e mesmo agora, semanas depois, Harry continuava a acordar à noite, encharcado de suor frio, imaginando onde estaria Voldemort neste momento, lembrando-se do seu rosto lívido, dos seus olhos arregalados e delirantes...

Harry endireitou-se de repente no banco do jardim. Estivera olhando distraidamente para a sebe — e a sebe estava olhando para ele. Dois enormes olhos verdes tinham aparecido entre as folhas.

